

---

# **terra roxa**

## **e outras terras**

Revista de Estudos Literários

---

### LIVRO DO DESASSOSSEGO, MODOS DE LEITURA

Diego Giménez<sup>1</sup> (Universidade de Coimbra)

**RESUMO:** O artigo estuda a mediação digital do *Livro do Desassossego* e explora o papel do Arquivo *LdoD* como um simulador literário que possibilita novas formas de interação com a obra de Fernando Pessoa. Após uma revisão da trajetória editorial do *Livro*, destacam-se as especificidades do Arquivo *LdoD*, que combina a preservação documental com uma dimensão experimental que permite aos leitores criarem edições virtuais e navegar pelos fragmentos de forma dinâmica. A fragmentação e a natureza inacabada da obra encontram no meio digital um ambiente adequado para a sua modelação. O arquivo e suas ferramentas propiciam a reflexão sobre processos literários de escrita, edição, leitura e textualidade. O estudo também examina a “Edição Virtual: Intertextualidade Filosófica”, que mapeia conexões entre o texto pessoano e a tradição filosófica. Além disso, visa demonstrar como o meio digital amplia as possibilidades interpretativas da obra pessoana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Livro do Desassossego; Arquivo Digital; Humanidades Digitais; Fernando Pessoa.

### EL LIBRO DEL DESASOSIEGO, MODOS DE LECTURA

**RESUMEN:** Este artículo examina la mediación digital del *Libro del Desasosiego* y explora el papel del Archivo *LdoD* como simulador literario que posibilita nuevas formas de interacción con la obra de Fernando Pessoa. Tras una revisión de la trayectoria editorial del *Libro*, el estudio destaca las características específicas del Archivo *LdoD*, que combina la preservación documental con una dimensión experimental que permite a los lectores crear ediciones virtuales y navegar por los fragmentos de forma dinámica. La naturaleza fragmentaria e inacabada de la obra encuentran en el medio digital un entorno apropiado para su modelización. El archivo y sus herramientas fomentan la reflexión sobre los procesos literarios de escritura, edición, lectura y textualidad. El estudio también examina la “Edición virtual: Intertextualidad filosófica”, que cartografía las conexiones entre el texto de Pessoa y la tradición filosófica. El artículo pretende demostrar cómo el medio digital amplía las posibilidades interpretativas de la obra pessoana.

**PALABRAS CLAVE:** Libro del Desasosiego; Archivo Digital; Humanidades Digitales; Fernando Pessoa.

---

<sup>1</sup> [dgimenezdm@gmail.com](mailto:dgimenezdm@gmail.com) - <https://orcid.org/0000-0002-1229-3969>

## THE BOOK OF DISQUIET, WAYS OF READING

**ABSTRACT:** This article examines the digital mediation of the *Book of Disquiet* and explores the role of the *LdoD Archive* as a literary simulator that enables new forms of interaction with Fernando Pessoa's work. Following a review of the Book's editorial trajectory, the study highlights the specific features of the *LdoD Archive*, which combines documentary preservation with an experimental dimension that allows readers to create virtual editions and navigate the fragments dynamically. The fragmentary and unfinished nature of the work finds in the digital medium a suitable environment for its modeling. The archive and its tools foster reflection on literary processes of writing, editing, reading, and textuality. The study also examines the "Virtual Edition: Philosophical Intertextuality", which maps connections between Pessoa's text and the philosophical tradition. The article aims to demonstrate how the digital medium expands the interpretative possibilities of Pessoa's work.

**KEYWORDS:** Book of Disquiet; Digital Archive; Digital Humanities; Fernando Pessoa.

Recebido em 29 de novembro de 2024. Aprovado em 26 de fevereiro de 2025.

### SOBRE O LIVRO DO DESASSOSSEGO

Desde a morte de Fernando Pessoa, em 30 de novembro de 1935, até a sua consagração internacional, o *Livro do Desassossego* percorreu um longo caminho editorial, que teve início com a descoberta da famosa arca e que, nas palavras de Osvaldo Manuel Silvestre, culminaria no digital. A fórmula que resume este percurso seria Pessoa = Arca = Digital (2014: 87). O Arquivo *LdoD* é a representação mais recente desse percurso.

O escritor começou a redigir os primeiros fragmentos do *Livro* por volta de 1913 e prosseguiu até 1920. Após uma pausa de nove anos, retomou o projeto em 1929 e continuou a escrever praticamente até a sua morte. Durante esse período, publicou apenas 12 trechos em revistas, enquanto o espólio conserva mais de 700 documentos atribuídos à obra. A história editorial do *Livro do Desassossego* é marcada por diferentes projetos. Em 1960, Jorge de Sena, no exílio no Brasil, aceitou editar a obra para a Ática, mas acabou por desistir do projeto em 1969. Em 1961, Pedro Veiga (Petrus) reuniu fragmentos que publicou como *Livro do Desassossego: páginas escolhidas*, na editora Arte & Cultura do Porto. A primeira edição integral foi publicada em 1982, na editora Ática, com organização de Jacinto do Prado Coelho, Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Nos anos seguintes, surgiram novas versões, como as de Teresa Sobral Cunha, na editora Presença, entre 1990 e 1991, Richard Zenith fez a sua edição para Assírio & Alvim em 1998 e Jerónimo Pizarro para a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em 2010.

O Arquivo *LdoD*, lançado em 2017 (<https://ldod.uc.pt/>), representa a mais recente abordagem filológica ao *Livro do Desassossego*. Concebido por Manuel Portela, esse arquivo digital oferece um ambiente dinâmico de leitura e edição que permite a comparação entre edições e originais. O arquivo não funciona apenas como um repositório, também contempla a possibilidade de os leitores criarem e anotarem novas edições virtuais a partir da seleção de fragmentos.

Em 2024, o Arquivo LdoD lançou o módulo Leitura Crítica, que marcou a fase final do projeto de investigação iniciado por Portela em 2009. Esse módulo disponibiliza uma amostra da recepção crítica do *Livro*, incluindo prefácios de editores, recensões das principais edições e ensaios publicados entre 1977 e 2018. O recurso permite explorar os protocolos de leitura e interpretação da obra pessoana.

A trajetória editorial do *Livro do Desassossego* exemplifica como a literatura atraíssava diferentes suportes e modos de leitura. Desde os fragmentos manuscritos deixados por Pessoa até a atual presença no Arquivo LdoD, a obra foi mediada por diversas práticas editoriais que transformaram a sua recepção. No contexto das humanidades digitais, o Arquivo LdoD oferece um modelo de literatura, chamado por Portela, um simulador da performance literária, que permite aos leitores experimentarem novas formas de leitura, edição e crítica. Este artigo analisa como as edições virtuais, e nomeadamente a edição “Intertextualidade Filosófica”, contribuem para a expansão da experiência literária a partir das possibilidades que oferece o arquivo digital.

## O ARQUIVO LDO D

O Arquivo LdoD é um arquivo digital dedicado ao *Livro do Desassossego* de Fernando Pessoa. Definido como um simulador literário pelo seu criador, Manuel Portela, foi idealizado em 2009 e concretizado entre 2012 e 2017. Surgiu como um repositório documental que representa tanto os manuscritos do autor quanto as principais edições críticas da obra (Prado Coelho, Sobral Cunha, Zenith e Pizarro). No entanto, o projeto foi além da simples preservação e transcrição para se tornar uma plataforma interativa que representa processos de escrita, edição e leitura. Diferente de outros arquivos digitais, o Arquivo LdoD não apenas reproduz documentos, mas contém uma dimensão experimental, onde os utilizadores podem interagir com o texto, ao criar edições e explorar a performatividade da literatura. Ele combina uma metaedição digital com elementos que permitem múltiplas configurações de leitura. Assim, não apenas preserva e apresenta textos, mas os transforma em um espaço de experimentação, onde os usuários desempenham papéis ativos na construção do sentido literário.

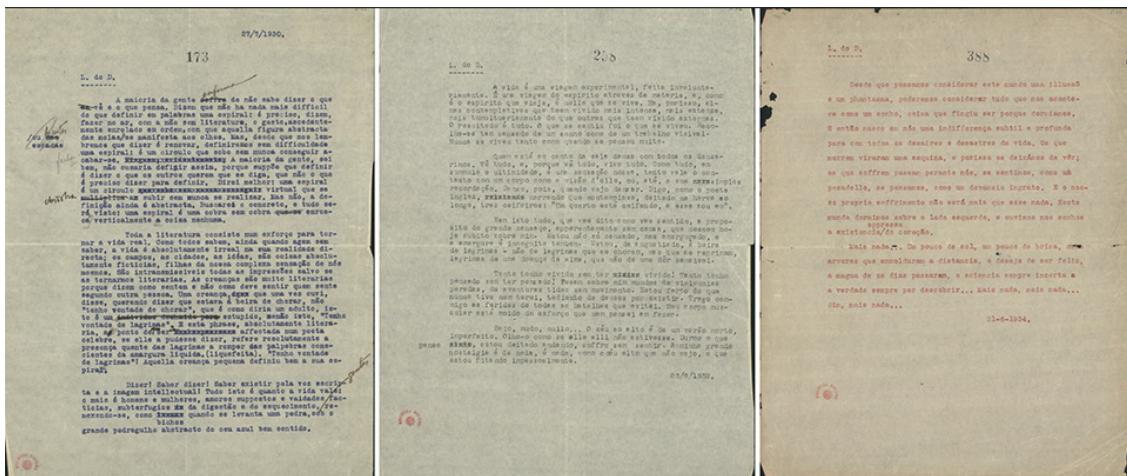
Manuel Portela escolheu o *Livro do Desassossego* devido ao seu valor literário, ao seu caráter fragmentário e modular, que se adapta bem ao ambiente digital, e à sua natureza inacabada, que permite explorar a edição como um processo contínuo. O arquivo reflete, dessa forma, sobre o impacto do meio digital na forma como concebemos os livros e demonstra que a lógica combinatória do arquivo digital encontra um paralelo na estrutura da obra pessoana. Segundo o próprio Manuel Portela:

A escolha desta obra de Fernando Pessoa tem uma tripla justificação: pelo seu valor literário, uma vez que o *Livro do Desassossego* é hoje amplamente lido e traduzido, sendo considerada também representativa do modernismo europeu;

pela sua natureza inacabada e fragmentária, que a torna particularmente adequada para modelar a escrita, a edição e a leitura como processos; pelo seu carácter modular, isto é, por ser composto por unidades com um forte grau de autonomia, que casa perfeitamente com a lógica modular dos objetos digitais[...]. Se queríamos transcender o horizonte bibliográfico, isto é, imaginar o que se pode fazer computacionalmente com um livro sem tomar a produção de outro livro como horizonte desse trabalho, o texto do *Livro do Desassossego* tinha as características materiais ideais. Digamos que o *Livro do Desassossego* era a obra em língua portuguesa em que materialidade textual e materialidade digital poderiam ser exponenciadas. (Portela 2022)

A natureza inacabada e fragmentária da obra e o seu carácter modular servem como marco para comparar as diferentes mediações editoriais. Sem entrar em detalhes excessivos sobre questões filológicas pessoanas, pode-se dizer que os fragmentos em prosa, sobretudo os que pertencem à segunda fase de escrita, que compõem a maior parte de fragmentos do *Livro*, apresentam uma determinada estrutura baseada em uma das filosofias estéticas da composição criada pelo autor, o sensacionismo. A partir dos preceitos sensacionistas, o escritor parte de uma sensação que é decomposta e intelectualizada em fases de abstração ao mesmo tempo que procura separar narrador de autor empírico. A temporalidade da inscrição, dessa forma, produz uma coerência semântica e material, que provém da sua existência em um determinado momento, o da sensação que é descrita. A inscrição, na medida em que é do instante, caracteriza-se por uma abertura que impossibilita um nexo forte de narração entre os diferentes fragmentos. As peças textuais do *Livro*, como unidade, podem ser chamadas de fragmentos enquanto expressões de um modo de escrita modernista, em relação a determinados meios de produção e a certa estética sensacionista, criada no contexto das vanguardas. Além disso, podem ser entendidas como uma série de escritos pertencentes a uma escrita maior, o *Livro*, cuja completude ou organicidade permanece em estado de *work in progress*.

Figura 1: Fragmentos do *Livro do Desassossego*. Cotas da BNP 2-82<sup>r</sup>, 3-76<sup>r</sup> e 5-33<sup>r</sup>.



Fonte: Portela & Silva (2017).

Os trechos da primeira fase de escrita, associados a Vicente Guedes no projeto inicial da obra, estão relacionados com os primeiros ismos (Paulismo, Intersecccionismo e Sensacionismo) e com uma etapa mais decadentista que não se corresponde com o estilo mais sensacionista da segunda fase, associada a Bernardo Soares, cuja prosa Pessoa quis primar. Essa segunda fase constitui 70% do corpus aproximadamente. As imagens da Figura 1 representam fragmentos dessa fase de escrita. 65% do total do corpus está datilografado e grande parte desses textos estão inscritos numa folha. Com base nesses testemunhos, que não apresentam núcleos narrativos entre eles, além de níveis de significação actanciais ou discursivos, isto é, associados à narração de Soares como aglutinador da narrativa, os editores têm selecionado e ordenado os fragmentos de diversas formas. A edição de 1982 de Jacinto do Prado Coelho, Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha, tematicamente; a edição de 1990-1991 de Teresa Sobral Cunha, cronologicamente; a edição de 1998, de Richard Zenith, subjetivamente, priorizando a prosa de Soares; e a edição de 2010, de Jerónimo Pizarro, cronologicamente. A ordenação do arquivo se apresenta como radial, segundo a qual os leitores e utilizadores podem navegar pelos fragmentos e entre as edições sem uma aparente ordem, embora exista uma disposição sequencial dos fragmentos na tela. Não há testemunhos na escrita de Pessoa que justifiquem de maneira inequívoca e incontestável qualquer ordenação. Nesse sentido, canonizar uma delas é discutível. A escrita de Pessoa, em muitos fragmentos, está repleta de anotações, correções, acréscimos etc., que evidenciam, entre outros aspectos, diferentes fases de revisão da escrita.

Figura 2: Fragmento com cota 2-82r da BNP, no Arquivo LdoD.

**Arquivo LdoD** INICIAR SESSÃO

---

**ACERCA** ▾ **LEITURA** ▾ **DOCUMENTOS** ▾ **EDIÇÕES** ▾ **PESQUISA** ▾ **VIRTUAL** ▾ **PT EN ES**

Realçar Diferenças  Mostrar Apagados  Realçar Inseridos  Realçar Substituições  Mostrar Notas  Fac-símile

Testemunhos  BNP/E3, 2-82r

A maioria da gente enferma

27/7/1930.

L. do D.

A maioria da gente ~~enferma~~ de não sabe[r] dizer o que vê e o que pensa. Dizem que não ha nada mais difícil do que definir em palavras uma espiral: é preciso, dizem, fazer no ar, com a mão sem literatura, o gesto, ascendentemente enrolado em ordem, com que aquella figura abstracta das molas ~~se~~ se manifesta aos olhos. Mas, desde que nos lembramos que dizer é renovar, definiremos sem dificuldade uma espiral: é um círculo que sobe sem nunca conseguir ~~a-cabar-se~~ fechar-se. A maioria da gente, sei bem, não ousaria definir assim, porque supõe que definir é dizer o que os outros querem que se diga, que não o que é preciso dizer para definir. Direi melhor: uma espiral é um círculo virtual que se ~~desdobra~~ a subir sem nunca se realizar. Mas não, a definição ainda é abstracta. Buscarei o concreto, e tudo será visto: uma espiral é uma cobra sem cobra ~~enrolada~~ verticalmente ~~sem~~ coisa nenhuma.

Toda a literatura consiste num esforço para tornar a vida real. Como todos sabem, ainda quando agem sem saber, a vida é absolutamente irreal na sua realidade directa; os campos, as cidades, as idéias, são coisas absolu-

Edições dos Peritos ⓘ  
Jacinto do Prado Coelho  
 < 517 >  
Teresa Sobral Cunha  
 < 538 >  
Richard Zenith  
 < 117 >  
Jerónimo Pizarro  
 < 266 >

Edições Virtuais ⓘ  
Arquivo LdoD  
 < 128 >  
LdoD-JPC-anot  
 < 517 >  
LdoD-Jogo-Class  
 < 117 >  
LdoD-Mallet  
 < 266 >  
LdoD-Twitter

Fonte: Portela & Silva (2017).

Como se pode ver na Figura 2, o fragmento foi ordenado de forma diferente pelos editores: no número 517 na edição de Prado Coelho, no número 538 na edição de Teresa Sobral Cunha, no número 117 na de Richard Zenith e no número 266 na edição de Pizarro. Dentro da edição virtual proposta pela transcrição do arquivo, seria o fragmento 128. Os leitores e utilizadores, assim, podem comparar trechos e passar de um a outro de forma radial.

A explicação para a diferença entre as edições se encontra, por um lado, como dito anteriormente, na condição da escrita pessoana, que corresponde a um determinado período de escrita modernista em um contexto material específico assim como a uma estética particular. Mas também se encontra nas interpretações dos editores que, através de cada ato de leitura, interpretam a obra de uma certa forma, que é mediada a posteriori editorialmente de maneira diversa. Essa variação é remediada digitalmente no arquivo. Daí que Manuel Portela afirme que “o *Livro do Desassossego* era a obra em língua portuguesa em que materialidade textual e materialidade digital poderiam ser exponenciadas” (Portela 2022).

Todos os editores que se debruçaram sobre os textos de Fernando Pessoa tiveram de definir questões de ordem teórica, como a especificação do fragmento, para poder enfrentar o desafio que os textos do escritor colocam. Como se editam os fragmentos? Com base na fragmentação do *Livro*, os compiladores construíram diferentes versões de um texto que, pela sua própria natureza, parece não ter fim. A edição digital ajudou a representar a pluralidade e materialidade da obra.

A base técnica para a remediação digital foi o Text Encoding Initiative (T.E.I.), que designa uma norma de codificação de textos em formato digital, desenvolvida desde 1988 por um consórcio de instituições (universidades, bibliotecas, associações científicas etc.). O objetivo dessa norma é unificar a forma como os textos são representados eletronicamente e, assim, facilitar o processamento automático da informação. Trata-se de uma convenção bastante poderosa, composta por módulos de codificação para quase todos os tipos de texto e problemas de representação das estruturas e variantes textuais. A versão atual da norma (TEI P5, 4.9.0.) foi publicada em 2025, e o manual conta com 2.596 páginas.

No caso de projetos de edição crítica ou edição genética, por exemplo, a aplicação das marcações XML de acordo com a norma T.E.I. permite a comparação automática de diferentes testemunhos textuais. A sua adoção por diferentes projetos e sistemas de edição possibilita um maior nível de interoperabilidade entre edições de diversas tradições textuais e períodos históricos. No caso das edições críticas, os textos codificados podem ser lidos por um software específico que interpreta a codificação e apresenta ao leitor o texto comparado, com todas as suas variações. De forma resumida, podemos dizer que a T.E.I. funciona como uma linguagem que articula o aparelho crítico de um texto, marcando com código específico todas as diferenças e variantes textuais que um testemunho pode apresentar. No caso de Fernando Pessoa e do *Livro do Desassossego*, a complexidade e sofisticação da codificação adquiriram uma relevância significativa devido ao grande número de variantes a considerar (ortográficas, textuais, interpretativas e editoriais).

Figura 3: Fragmento com cota 5-33<sup>r</sup> da BNP, no Arquivo LdoD.

The screenshot shows a web interface for the Arquivo LdoD. At the top, there's a navigation bar with links for ACERCA, LEITURA, DOCUMENTOS, EDIÇÕES, PESQUISA, VIRTUAL, PT EN ES, and INICIAR SESSÃO. Below the navigation, there are two main sections: 'Linha-a-linha' and 'Alinhar Espaços'. The left section displays a handwritten fragment of a poem by Pessoa, with text in blue and red ink. The right section shows the same text in a printed edition. A sidebar on the right lists 'Testemunhos' (with a checked box for 'BNP/E3, 5-33r'), 'Edições dos Peritos' (listing Jacinto do Prado Coelho, Teresa Sobral Cunha, Richard Zenith, Jerónimo Pizarro), and 'Edições Virtuais' (listing Arquivo LdoD, LdoD-JPC-anot, LdoD-Jogo-Class, LdoD-Mallet, and LdoD-Twitter). At the bottom left, there's a box with metadata: Identificação: bn-acpc-e-e3-5-1-85\_0065\_33\_l24-C-R0150; Heterônimo: Não atribuído; Formato: Folha (27.3cm X 21.4cm); Material: Papel; Colunas: 1; LdoD Mark: Com marca LdoD; Datiloscrito (red-ink) : Testemunho datiloscrito a tinta vermelha; Data: 21-06-1934; Nota: LdoD, Texto escrito no recto de uma folha inteira; Fac-similes: BNP/E3, 5-33r.1.

Fonte: Portela & Silva (2017).

A codificação e representação digital dos textos de Pessoa sob essa forma permitiram e permitem refletir sobre o próprio processo de escrita, sobre questões de interpretação editorial e sobre a natureza da materialidade da fonte original. Ou seja, ao codificar, pôde-se registrar o tipo de papel e a tinta com que o texto foi escrito, de modo que essa informação pôde ser processada computacionalmente. No que diz respeito às edições, houve padrões de interpretação e transcrição dos testemunhos que obedeceram a diferentes fatores e que condicionaram a escolha de variantes textuais. Na Figura 3, vê-se a marcação de metadados referentes ao suporte e é possível observar o testemunho original comparado com a edição de Zenith, onde ressaltam as diferenças entre variantes, neste caso, ortográficas. Essas escolhas, à medida que foram representadas de forma abstrata, evidenciaram os diferentes matizes de interpretação dos testemunhos e da ordenação dos fragmentos. O autor é Pessoa, mas a relação entre as partes e o todo que o Livro editado representa, em última instância, sempre depende do editor/compilador. A marcação permitiu a comparação automática de diversas configurações editoriais dos fragmentos. A natureza da obra de Pessoa parece encaixar-se perfeitamente nos postulados de McGann sobre o hipertexto, já que a ordenação dos fragmentos não apresenta um único centro, todos estão hiperligados: “Hypertext provides the means for establishing an indefinite number of ‘centers,’ and for expanding their number as well as altering their relationships. One

is encouraged not so much to find as to make order – and then to make it again and again, as established orderings expose their limits” (McGann 1996: 29).

Se se aceita que o *Livro*, em sua especificidade — ou seja, pela sua falta de ordenação, seleção e atribuição definitiva —, é muitos livros, não apenas o de Coelho, de Sobral Cunha, de Zenith e de Pizarro, mas também o de todos os leitores que lhe atribuem sentido e de todas as possíveis leituras e percursos que os textos permitem, então compreendemos que o *Livro* contém as potenciais variantes dele mesmo.

Figura 4: Fragmento com cota 5-33<sup>r</sup> da BNP, no Arquivo LdoD.

Desde que possamos considerar este mundo

l do D. Desde que possamos considerar este mundo uma illusão e um  
l do D. 5-6-1034. Desde que possamos considerar este mundo uma illusão e um  
21-6-1034. Desde que possamos considerar este mundo uma illusão e um  
Desde que possamos considerar este mundo uma illusão e um  
l do D. Desde que possamos considerar este mundo uma illusão e um  
phantasma, poderemos considerar tudo que nos acontece como um sonho, coisa que fingiu ser porque  
phantasma, poderemos considerar tudo que nos acontece como um sonho, coisa que fingiu ser porque  
fantasma, poderemos considerar tudo que nos acontece como um sonho, coisa que fingiu ser porque  
fantasma, poderemos considerar tudo que nos acontece como um sonho, coisa que fingiu ser porque  
phantasma, poderemos considerar tudo que nos acontece como um sonho, coisa que fingiu ser porque  
dormímos. E então nasce em nós uma indiferença subtil e profunda para com todos os desaires e desastres da vida. Os que  
morrem viraram uma esquina, e por isso os deixámos de ver; os que sofrem passam perante nós, se sentimos, como um pesadelo,  
se pensamos, como um devaneio ingrato. E o nosso próprio sofrimento não será mais que esse nada. Neste mundo dormimos sobre

BNP/E3, 5-33r

Edições dos Peritos

Jacinto do Prado Coelho < 419 >  
Teresa Sobral Cunha < 738 >  
Richard Zenith < 471 >  
Jerónimo Pizarro < 435 >

Fonte: Portela & Silva (2017).

A edição de um texto que não tem fim é uma interrupção. Jacques Derrida argumenta que qualquer livro, enquanto publicação, funciona como um corte, um “interruptor” (1999: 29) de um texto que se apresenta como infinito. Os sublinhados, substituições, rasuras etc. são o vestígio material da subjetividade de Pessoa-Soares, que emerge no processo de seleção. Mas, além disso, a codificação do fragmento com todos os marcadores possíveis, como apresentado no arquivo digital, também evidencia a emergência da subjetividade de cada editor ao assinalar as decisões que produzem sua variante textual. Na Figura 4, pode-se ver a comparação linha a linha entre o testemunho original e as quatro principais edições.

Mais ainda, cada leitura do arquivo, enquanto seleção, será o rastro de um sujeito que cria seu próprio *Livro*. As edições de Pessoa figuram e desfiguram na medida em que, ao tomar as decisões a que são obrigadas, fixam uma variante textual quando há múltiplas. A edição digital reúne os rostos existentes e facilita as condições para que os rostos potenciais possam emergir, oferecendo uma experiência material da pluralidade do texto sem fechamento e, ao mesmo tempo, possibilitando a vivência do *Livro* como potencialidade. Na seguinte seção, analisar-se-á uma das edições virtuais.

## UMA EDIÇÃO VIRTUAL: INTERTEXTUALIDADE FILOSÓFICA

As edições virtuais podem ser criadas por qualquer utilizador cadastrado no site do arquivo digital e consistem em uma coletânea de fragmentos escolhidos por um ou mais utilizadores a partir de interpretações já existentes. O editor ou os editores

virtuais têm a liberdade de selecionar os fragmentos que querem incluir, determinar a sua sequência e preenchê-los com anotações e categorias. O conjunto de categorias associadas a cada edição virtual é o que define a sua taxonomia. O Arquivo LdoD contém, além das edições dos peritos, aproximadamente cerca de 120 edições virtuais que correspondem a leituras e interpretações do *Livro do Desassossego*.

A “Edição Virtual: Intertextualidade Filosófica” (2025) é uma edição do Arquivo LdoD que enfatiza as conexões filosóficas do texto de Fernando Pessoa. A edição, desenvolvida no âmbito do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, mapeia a rede intertextual filosófica que nutre o *Livro do Desassossego* e, simultaneamente, a rede de textos que “ecoam” com textos da filosofia contemporânea. Usa as ferramentas de taxonomia e pesquisa fornecidas pelo arquivo. Segundo consta na descrição da edição, na Figura 5, segue-se a definição de Genette em Palimpsestos (2010) e entende a pós-textualidade como uma relação de continuidade temática e teórica que não se baseia necessariamente numa relação direta entre os textos, mas antes mediada pela leitura.

Figura 5: Edição Virtual: Intertextualidade Filosófica, no Arquivo LdoD.

The screenshot shows the homepage of the Arquivo LdoD website. At the top, there is a navigation bar with links for 'ACERCA', 'LEITURA', 'DOCUMENTOS', 'EDIÇÕES', 'PESQUISA', 'VIRTUAL', and language options 'PT EN ES'. On the right side of the header is a 'INICIAR SESSÃO' button. Below the header, the title 'Edição Virtual: Intertextualidade Filosófica' is displayed. Underneath the title, there is a section for 'Editores' (Diego Giménez), 'Sinopse' (a brief description of the edition's purpose and scope), and 'Taxonomia' (Intertextualidade Filosófica). A link to '86 Fragmentos' is also present. At the bottom of the page is a search bar labeled 'Search'.

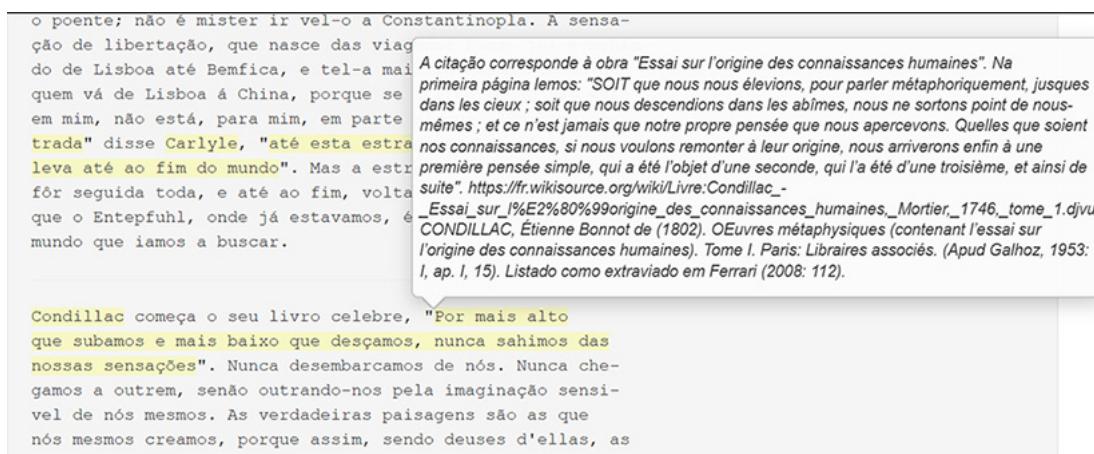
Número	Título	Categoría	Usa Edições
1	Eu não posso o meu corpo	Alusão implícita - A2 Platão	->BNP/E3, 9-29, 94-76
2	A mocidade é estúpida e cruel	Alusão explícita - A1 Filosofia Moderna Jean-Jacques Rousseau	->BNP/E3, 138A-59-59a-58-58a
3	Viver a vida em sonho	Alusão explícita - A1 Blaise Pascal Filosofia Antiga Filosofia Contemporânea Filosofia Moderna	->BNP/E3, 94-88-88ar

Fonte: Giménez (2017).

A edição é composta por 86 fragmentos organizados em 74 categorias que definem a sua taxonomia. As categorias dividem-se conforme o tipo de relação textual: intertextual, quando Pessoa cita ou alude a algum texto filosófico, e pós-textual, quando um leitor associa trechos da obra pessoana a textos ou filósofos contemporâneos. Além dessa categorização, a etiquetagem inclui os nomes dos filósofos e três períodos históricos: filosofia antiga, moderna e contemporânea. A filosofia antiga

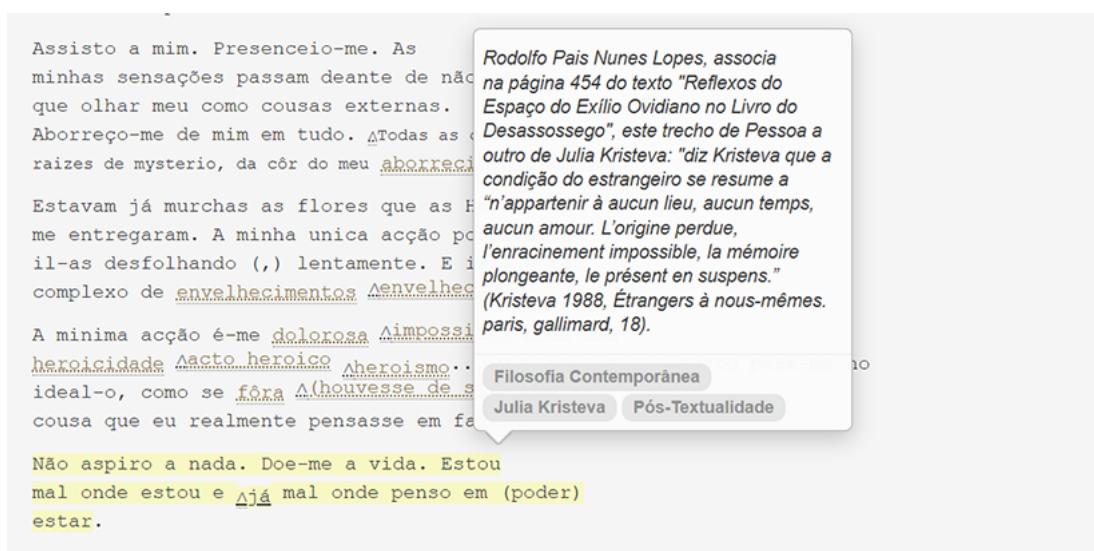
abrange o pensamento ocidental até o Renascimento; a moderna, do Renascimento até o Iluminismo; e a contemporânea, do fim do Iluminismo até a atualidade.

Figura 6: Fragmento da Edição Virtual: Intertextualidade Filosófica, no Arquivo LdoD.



Fonte: Giménez (2017).

Figura 7: Fragmento da Edição Virtual: Intertextualidade Filosófica, no Arquivo LdoD.



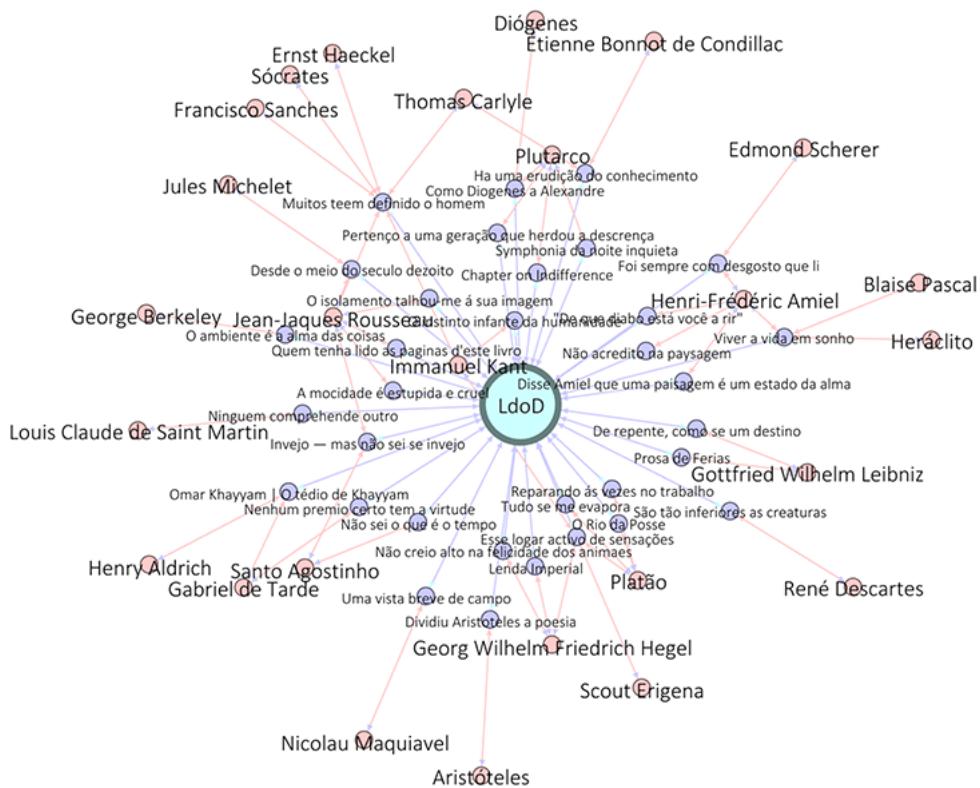
Fonte: Giménez (2017).

A Figura 6 representa uma relação intertextual a partir da citação de Pessoa de um excerto do livro *Essai sur l'origine des connaissances humaines*, de Étienne Bonnot de Condillac. A obra do filósofo francês parece ser uma das muitas bases do sensacionismo pessoano. A frase, devidamente citada, mostra o processo de assimilação de leitura pessoano tanto na construção da própria filosofia da composição como na sua produção poética. A Figura 7 mostra uma relação pós-textual, mediada pela leitura

de um especialista que compara um passo da obra de Pessoa com um trecho de Julia Kristeva, filósofa e linguista contemporânea.

Pessoa cita ou faz alusão (relações intertextuais) aos seguintes autores pertencentes à antiguidade, à época moderna e à época que vai do fim do iluminismo às primeiras décadas do século XX: Heráclito (c. 535 a.C. – c. 475 a.C.), Sócrates (c. 470 a.C. – 399 a.C.), Diógenes (c. 412 a.C. – 323 a.C.), Platão (c. 427 a.C. – 347 a.C.), Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), Plutarco (c. 46 d.C. – 120 d.C.), Santo Agostinho (354 – 430), João Scott Erigena (c. 810 – c. 877), Francisco Sanches (c. 1551 – 1623), Nicolau Maquiavel (1469 – 1527), René Descartes (1596 – 1650), Henry Aldrich (1647 – 1710), Gottfried Wilhelm Leibniz (1646 – 1716), Blaise Pascal (1623 – 1662), George Berkeley (1685 – 1753), Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778), Étienne Bonnot de Condillac (1714 – 1780), Louis Claude de Saint-Martin (1743 – 1803), Immanuel Kant (1724 – 1804), Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 – 1831), Thomas Carlyle (1795 – 1881), Jules Michelet (1798 – 1874), Edmond Scherer (1815 – 1889), Henri-Frédéric Amiel (1821 – 1881), Ernst Haeckel (1834 – 1919), Gabriel de Tarde (1843 – 1904).

Figura 8: Visualização das relações intertextuais no Livro do Desassossego.



Fonte: Giménez, Gephi.

A lista de nomes corresponde a 26 filósofos aos que Pessoa cita ou faz alusão no Livro do Desassossego. Trata-se de autores que o escritor leu ou que conhecia o suficiente para mencionar de forma direta ou indireta na obra. Correspondem a filósofos

da antiguidade e da modernidade e alguns contemporâneos ao escritor. Destacam-se Platão, Plutarco, Rousseau, Kant, Hegel e Amiel. Sem entrar em descrições detalhadas sobre as leituras filosóficas, as filosofias do iluminismo têm um papel destacado. Lemos, por exemplo, no trecho “Não creio alto na felicidade”: “Só o absoluto de Hegel conseguiu, em páginas, ser duas coisas ao mesmo tempo. O não-ser e o ser não se fundem e confundem nas sensações e razões da vida: excluem-se, por uma síntese às avessas”<sup>2</sup> (Pessoa 2017). A síntese às avessas, a partir dessa referência hegeliana, pode-se entender no contexto da proposta esgrimida pelo poeta já nos artigos sobre a “Nova Poesia Portuguesa”, publicados na revista *A Águia*, e nos quais Pessoa afigurava uma nova poesia como síntese de romantismo e simbolismo. A execução da escrita no *Livro*, porém, não terminou de se concretizar em um absoluto, que parece ter funcionado como ideal para projetar a escrita.

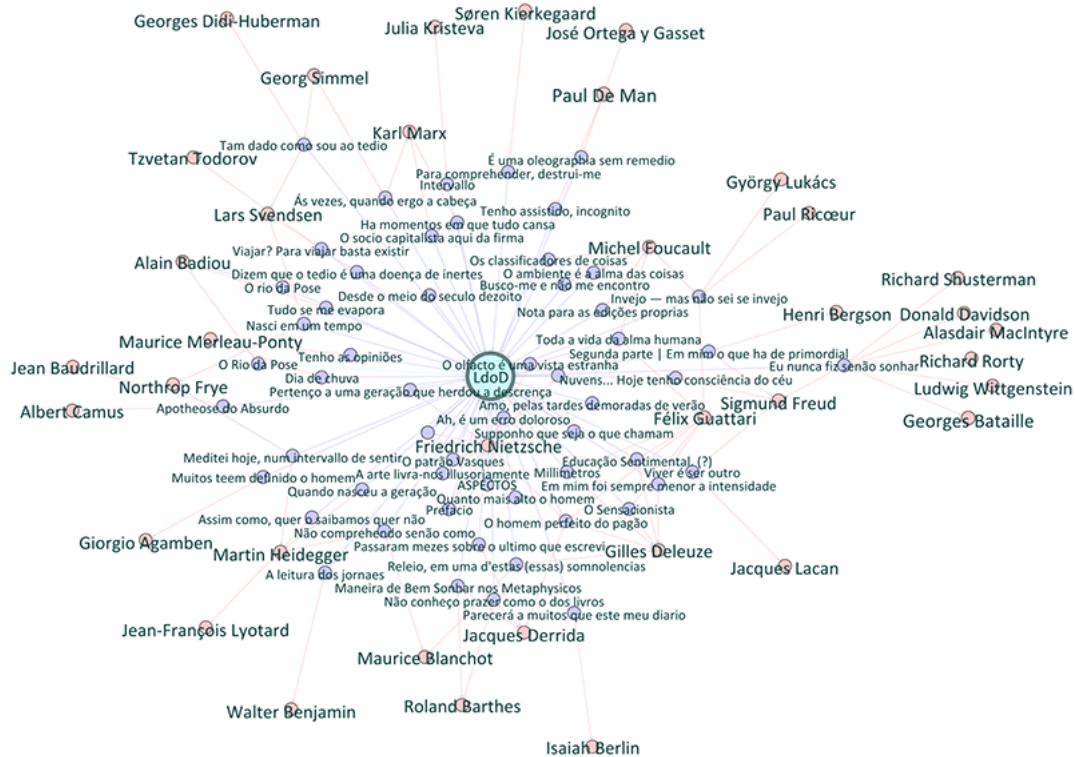
No que diz respeito às relações pós-textuais, isto é, não aos atos de leitura de Pessoa, mas de diferentes leitores relacionando trechos de Pessoa, identificaram-se os seguintes autores entre o fim do iluminismo e a atualidade: Søren Kierkegaard (1813 – 1855), Karl Marx (1818 – 1883), Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), Sigmund Freud (1856 – 1939), Georg Simmel (1858 – 1918), Henri Bergson (1859 – 1941), José Ortega y Gasset (1883 – 1955), György Lukács (1885 – 1971), Ludwig Wittgenstein (1889 – 1951), Martin Heidegger (1889 – 1976), Walter Benjamin (1892 – 1940), Georges Bataille (1897 – 1962), Jacques Lacan (1901 – 1981), Maurice Blanchot (1907 – 2003), Maurice Merleau-Ponty (1908 – 1961), Isaiah Berlin (1909 – 1997), Northrop Frye (1912 – 1991), Paul Ricœur (1913 – 2005), Albert Camus (1913 – 1960), Roland Barthes (1915 – 1980), Paul De Man (1919 – 1983), Jean-François Lyotard (1924 – 1998), Gilles Deleuze (1925 – 1995), Michel Foucault (1926 – 1984), Jean Baudrillard (1929 – 2007), Alasdair MacIntyre (n. 1929), Jacques Derrida (1930 – 2004), Richard Rorty (1931 – 2007), Donald Davidson (1917 – 2003), Félix Guattari (1930 – 1992), Tzvetan Todorov (1939 – 2017), Julia Kristeva (n. 1941), Giorgio Agamben (n. 1942), Richard Shusterman (n. 1949), Georges Didi-Huberman (n. 1953), Alain Badiou (n. 1937), Lars Svendsen (n. 1970).

Essa lista corresponde a 37 filósofos que são relacionados com textos de Pessoa e foi feita a partir da leitura de 29 textos, que incluíam artigos, dissertações, teses e livros de diferentes especialistas que leram a obra de Pessoa associando-a com textos da filosofia contemporânea. As referências podem ser consultadas em cada uma das notas que constam na edição virtual. Destacam-se Nietzsche, Deleuze e Guattari, em correspondência com as interpretações canónicas da obra, que a situam como devedora do esteticismo nietzscheano (Nunes 1974; Ryan 2016) ou como exemplo de pensamento e escrita rizomáticas (Gil 1987). Alguns autores como Nietzsche, Marx e Freud são filósofos cujos textos ou ideias Pessoa conheceu, mas não são referenciados no *Livro*, no mínimo de forma evidente, pelo escritor. Ainda assim, servem como marco para muitos leitores compreenderem a escrita pessoana no contexto das filosofias da suspeita, no trânsito da modernidade à pós-modernidade.

---

<sup>2</sup> [https://l dod.uc.pt/fragments/fragment/Fr155/inter/Fr155\\_WIT\\_ED\\_VIRT\\_LdoD-InterFil\\_1](https://l dod.uc.pt/fragments/fragment/Fr155/inter/Fr155_WIT_ED_VIRT_LdoD-InterFil_1)

Figura 9: Visualização das relações pós-textuais no Livro do Desassossego.



Fonte: Giménez, Gephi.

As listas não esgotam as relações intertextuais e pós-textuais. Pretendem mapear as leituras de Pessoa para contextualizá-las no movimento de assimilação que há por trás do sensacionismo e da construção tanto do *Livro* quanto obra como de Pessoa enquanto autor. São demonstrativas da asserção do escritor catalão, Enrique Vila-Matas (s/d), para quem sempre se escreve depois de alguém. Do mesmo modo, Pessoa escreveu depois de Amiel, Tarde, Haeckel, Rousseau e tantos outros. A reescrita da tradição encaixa no ideal sensacionista que advoga pela multiplicidade e não se confina apenas à tradição literária, mas também à política, à religiosa e à filosófica. Da mesma forma, as relações estabelecidas pelos leitores pessoanos, conectando trechos do *Livro* com trechos filosóficos, demostram a tese de que o livro contém nele potenciais leituras, assim como as edições virtuais demostram como as variações emergem no contato com os editores que as criam. A interpretação da obra pessoana incorpora marcos teóricos contemporâneos para descrever a obra e explicar o eco dos textos pessoanos na filosofia dos séculos XX e XXI. A contemporaneidade dos textos pessoanos, na linha do desafio lançado por Alain Badiou (2002), encontra-se, por um lado, na própria escrita sensacionista, que, ao partir da sensação, dos seus processos de intelectualização e da incorporação da tradição literária e filosófica, o ser/pensar tudo de todas as maneiras, consegue prefigurar muitos temas filosóficos da contemporaneidade relacionados com a identidade, a verdade, a relação entre

ficção e realidade, o sujeito, entre outros muitos temas. Mas também, por outro lado, a própria condição textual sempre está aberta à variabilidade.

Os textos não permanecem estáticos ao longo do tempo, mas se transformam à medida que interagem com diferentes leitores. Essa transformação não ocorre apenas por causa das diferenças entre leitores, mas porque os próprios textos possuem uma natureza indeterminada, resultando de uma interação complexa entre o material textual e o seu público. No caso dos textos pessoanos, a sua significação não se restringe apenas ao conteúdo semântico, mas também emerge dos aspectos linguísticos, materiais e contextuais que moldam tanto a sua criação quanto as suas leituras sucessivas nos contextos de remediação.

Jerome McGann (1991), em *A Condição Textual*, argumenta que os textos contêm em si possibilidades de variação que se manifestam no contato com os leitores. Manuel Portela (2022), por sua vez, defende em *Literary Simulation and the Digital Humanities: Reading, Editing, Writing* que a intertextualidade forma uma rede aberta, composta por fragmentos de escrita que citam, referenciam e ressoam com outros fragmentos. Essa rede também é construída pelo próprio ato de leitura, que conecta diferentes trechos textuais entre si. Assim, essa abordagem rompe com a visão do texto literário como um objeto fixo, cuja verdade precisa ser descoberta. Em vez disso, a leitura não apenas interpreta, mas também cria significado, ao atribuir sentido ao texto por meio de um processo de reconhecimento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Assim como o códice serviu de base para a criação de interfaces digitais, pois muitas estruturas do hipertexto (como indexação e navegação) derivam da organização dos livros, os formatos digitais podem impactar a forma como os livros são concebidos hoje. O *Livro do Desassossego* é um exemplo dessa dinâmica, na medida em que a sua escrita fragmentária e de caráter inacabado se adaptam bem à modelação digital. As mediações dos fragmentos em edições e as remediações dos fragmentos e das edições no arquivo digital permitem demonstrar, além do caráter combinatório da escrita, os protocolos de leitura e atribuição de sentido dos editores, abrindo o debate sobre noções de textualidade, edição e interpretação da obra e do escritor: “digital media have given us an opportunity we have not had for the last several hundred years: the chance to see print with new eyes, and with it, the possibility of understanding how deeply literary theory and criticism have been imbued with assumptions specific to print” (Hayles 2002: 33).

O arquivo, enquanto mídia digital que representa os testemunhos originais e as edições, permitiu ver o *Livro* com novos olhos, ressaltando a sua natureza combinatoria. De igual maneira, possibilita também novas formas de organização e leitura, como são exemplo as edições virtuais feitas pelos leitores. A estrutura das bases de dados reflete o próprio processo de escrita e montagem textual da obra e sugere que

o meio digital é um ambiente adequado para explorar essa condição textual e para representar atos de leitura.

A “Edição Virtual: Intertextualidade Filosófica” pode ser concebida como uma leitura de leituras. Por um lado, a leitura que supõe a seleção para a edição virtual mapeia as leituras de textos filosóficos feita por Pessoa. Por outro, faz um levantamento das leituras de outros leitores que relacionam trechos do *Livro* com textos de filósofos contemporâneos. Poder marcar os atos de leitura pessoanos, que são incorporados na escrita, e poder marcar os atos de leitura de diferentes leitores permitiu identificar o passado, o presente e o futuro do texto pessoano a partir da noção de McGann sobre a textualidade, entendida como uma rede de trocas simbólicas que são sempre materialmente executadas. Comparando as duas redes, Figuras 8 e 9, a intertextual e a pós-textual, comprehende-se, por um lado, a assimilação de leituras por parte de Pessoa e a tendência do escritor por sintetizar, através de certo hegelianismo, movimentos contraditórios; por outro, percebe-se a recepção da obra a partir de marcos contemporâneos que a situam contrária ao ideal iluminista e mais próxima do pós-estruturalismo. Parafraseando Isaiah Berlin (2025) sobre Tolstoi, Pessoa talvez fosse uma raposa que se acreditava ouriço, isto é, enquanto procurava um princípio organizador único e universal, em realidade perseguiu muitas pontas, frequentemente não relacionadas e até contraditórias. Seja como for, as Edições Virtuais destacam também a subjetividade dos editores, manifesta na seleção, ordenação e anotação dos fragmentos.

O Arquivo LdoD e as funcionalidades como as Edições Virtuais evidenciam como os textos estão material e socialmente definidos. Os textos não apenas transmitem determinado conteúdo, as complexidades da produção de sentido associado a eles dependem de aspectos materiais, sociais e linguísticos. Compreender um texto requer atenção tanto à sua mediação material como ao seu conteúdo linguístico, bem como à sua posição dentro de contextos sociais e históricos específicos. No caso que nos convoca, o *Livro do Desassossego*, é preciso contextualizar a história da mediação editorial e leitora do texto para uma compreensão mais abrangente da ingente obra inacabada.

## OBRAS CITADAS

- BADIOU, Alain. *Pequeno Manual de Inestética*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- BERLIN, Isaiah. *O Ouriço e a Raposa*. Lisboa: Guerra & Paz, 2025.
- DERRIDA, Jacques. *No escribo sin luz artificial*. Valladolid: Cuatro Ediciones, 1999.
- GIL, José. *Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações*. Lisboa: Relógio D’Água, 1987.

- GIMÉNEZ, Diego. Edição Virtual: Intertextualidade Filosófica – edição anotada. Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego, 2025. Disponível em: <https://ldod.uc.pt/edition/acronym/LdoD-InterFil>.
- HAYLES, Katherine N. *Writing Machines*. Baltimore: The MIT Press, 2002.
- McGANN, Jerome. *The Textual Condition*. Princeton: Princeton University Press, 1991.
- NUNES, Benedito. “Poesia e filosofia na obra de Fernando Pessoa”. *Colóquio Letras*, Lisboa, n. 20, p. 22-34, 1974.
- PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego: páginas escolhidas*. Pedro Veiga (ed.). Porto: Arte e Cultura, 1961.
- PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. Jacinto do Prado Coelho (ed.). Recolha e transcrição dos textos por Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Ática, 1982.
- PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. Teresa Sobral Cunha (ed.). Volume 1, por Vicente Guedes. Lisboa: Presença, 1990.
- PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. Teresa Sobral Cunha (ed.). Volume 2, por Bernardo Soares. Lisboa: Presença, 1991.
- PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. Richard Zenith (ed.). Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.
- PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. Jerónimo Pizarro (ed.). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.
- PESSOA, Fernando. Edição de Manuel Portela & António Rito Silva. Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, 2017. Disponível em: <https://ldod.uc.pt/>.
- PORTELA, Manuel. O Arquivo LdoD não é apenas uma experiência com o Livro do Desassossego ou com as práticas de leitura, edição e escrita, é também uma experimentação base. *Literatura & Pensamento*, 2010. Disponível em: <https://tinyurl.com/ybfpz5z>.
- PORTELA, Manuel. *Literary Simulation and the Digital Humanities: Reading, Editing, Writing*. New York: Bloomsbury Academic, 2022.
- RYAN, Bartholomew et al. *Nietzsche e Pessoa*. Lisboa: Tinta da China, 2016.
- SILVESTRE, O. M. O Que Nos Ensinam os Novos Meios sobre o Livro no Livro do Desassossego. *Matlit: Materialidades Da Literatura*, Coimbra, v. 2, n. 1, p. 79-98, 2014. Disponível em: [https://doi.org/10.14195/2182-8830\\_2-1\\_4](https://doi.org/10.14195/2182-8830_2-1_4).
- VILA-MATAS, Enrique. Intertextualidad y metaliteratura (Alocución en Monterrey), s/d. Disponível em: <http://enriquevilamatias.com/textos/textmonterrey.html>.